

# A PRESENÇA FEMININA NAS BATALHAS DE PASSINHO: DISCUTINDO GÊNERO NAS CULTURAS JUVENIS

*Milena Matias Fonseca<sup>1</sup>*  
*Luciana Maria Ribeiro de Oliveira<sup>2</sup>*

**Resumo:** O Brega Funk é a música através da qual se originou a dança que nasceu nas periferias de Recife-PE e que foi batizada como “passinho dos malokas”, tornando-se uma das referências da juventude, não só do Recife, mas em outros estados. Desde seu início o Brega Funk tem uma forte presença masculina, são muitos MCs e dançarinos que se destacam em suas produções. Porém, essa presença deixa de ser hegemônica quando as MCs e meninas que dançam o passinho ocupam os espaços da cena do Brega Funk. Nas batalhas de passinho em João Pessoa há uma forte participação de meninas duelando, assim muitas questões surgem sobre como as meninas se posicionam nesse contexto que é muito apontado socialmente como um ambiente onde as mulheres são desrespeitadas nas letras das músicas que se referem à elas de forma sexualizada com coreografias sensuais e objetificadoras do corpo feminino. Neste artigo evocamos as jovens que participam desse movimento para compreender como elas se colocam nesse espaço e qual o significado de estarem participando.

**Palavras-chave:** batalhas de passinho; atuação feminina; juventude, Brega Funk.

## Introdução

Este artigo é um fragmento da minha pesquisa de dissertação, cujo tema foi mudado quando comecei a ter um maior contato com o Brega Funk e os grupos de passinho, e percebi que não poderia deixar esse movimento passar da época da sua ascensão sem que eu o trouxesse para minha trajetória acadêmica, pois eu via no passinho uma junção dos meus interesses de pesquisa, juventude, culturas juvenis e antropologia urbana sendo atravessados pelos recortes de classe, raça e gênero.

Pesquisar o passinho me faz pensar em quão necessário é discutir as culturas juvenis sobretudo em um momento onde a juventude tem sido cada vez mais criativa e protagonista no meio artístico e cultural. O Brega Funk trouxe novas perspectivas de vida

---

<sup>1</sup> \*Mestranda em Antropologia- Universidade Federal da Paraíba-Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Bacharel em Serviço Social-Universidade Federal da Paraíba. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). milenamatiasf@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais (DCS/UFPB); Professora Colaboradora do Programa de Pós Graduação em Antropologia (PPGA/UFPB); Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnografias Urbanas (GUETU/UFPB); Coordenadora do Projeto Cine Bixa (PROBEX/UFPB); tialulucaribeiro@gmail.com

aos jovens das periferias, existem MCs que estão conhecidos nacionalmente e junto com eles ascendem e se empregam suas equipes de produção.

Iniciei meu campo frequentando as batalhas de passinho em João Pessoa-PB. Na rua percebi uma forte presença feminina, muitas jovens estavam ocupando um espaço que era, de início, majoritariamente masculino. As coreografias que eram inicialmente muito marcadas por movimentos que exaltavam a masculinidade foram aos poucos ganhando elementos mais femininos, as jovens que fazem suas coreografias foram colocando movimentos que remetiam mais à sensualidade feminina e o passinho tornou-se uma dança para a diversidade.

Eu, uma mulher consciente das questões de machismo que permeiam a sociedade, mas que, ao mesmo tempo, tinha o fator agregador de também ouvir e gostar de Brega Funk, ao iniciar a pesquisa, fui várias vezes questionada por colegas de turma e outras pessoas com quem eu comentava sobre o estudo que empreendia pelo fato das letras de Brega Funk terem um conteúdo de cunho bastante sexual e sexista, muitas delas narrando movimentos que remetiam às relações sexuais e se referindo ao corpo das mulheres de forma erótica ou mesmo pejorativa.

Com isso, percebi a necessidade de dar destaque a esta discussão de gênero, não só para falar de um contexto apontado como machista, mas para trazer a perspectiva das próprias jovens que frequentam os espaços onde dançam passinho e onde circulam pessoas que apreciam o Brega Funk, sobre como tem sido a participação feminina nestes espaços e o que essas jovens tem visto de mudança a partir de uma atuação das mulheres em uma cena que inicialmente era considerada masculina.

O ódio aos gêneros musicais que vem da periferia é visto perto de nós, em nossos círculos sociais e também é propagado na internet e na mídia televisiva. Assim como o Funk, o Brega Funk também é associado à violência, à sexualidade e até mencionado como má influência para a juventude por pessoas de diferentes classes sociais. Mas será que esses apontamentos refletem a realidade? Será que as jovens que dançam também pensam assim?

O passinho é uma dança que traz não só questões sobre a relação do público feminino com uma música considerada machista, mas trata também de como as mulheres conseguiram ressignificar uma cena masculinizada e ganhar visibilidade e protagonismo nas batalhas.

## Metodologia

Para produção de dados utilizei a observação participante, frequentando as batalhas de passinho antes da pandemia. Porém, durante o período de isolamento social utilizei o Instagram e o Whatsapp como ferramentas de interação com minhas interlocutoras. Os diálogos foram mediados por computador e/ou celular, caracterizando uma antropologia no ciberespaço, como destaca Rifiotis (2012). O que tornou a escrita um pouco mais pausada, devido à falta de disponibilidade das interlocutoras em alguns momentos.

Foram conversas que começavam no início do dia e terminavam à noite, ou aconteciam gradualmente, algumas meninas só me respondiam dias depois, enquanto isso eu acompanhava suas atividades nas redes sociais, pois a maior parte das interlocutoras se dedicam à produção de vídeos para o Instagram. A produção acadêmica em um contexto de pandemia tem suas particularidades e durante a construção deste artigo, tendo que pensar nos prazos. eu pude sentir ainda mais.

Diferente do momento em que eu estive nas batalhas presencialmente e observava mais do que perguntava, nessa fase de produção na pandemia, eu tive que fazer mais perguntas e tentar conduzir os diálogos para que eu encontrasse algumas respostas ou mais questionamentos acerca do tema proposto.

Utilizo a noção de etnografia multisituada de Marcus (1994), unindo várias qualidades de conhecimento para conectar diferentes campos de observação, que são os espaços físicos da cidade onde aconteciam as batalhas, e o ciberespaço. Nesses espaços de observação eu analiso o fenômeno social de uma forma local, mas também observo acontecimentos que podem ser vistos sob uma perspectiva macro. Assim, transito entre dois espaços para interpretar as práticas culturais juvenis no movimento Brega Funk.

O objetivo deste artigo é discutir a temática de gênero e compreender a relevância da presença feminina nas batalhas de passinho dando atenção às narrativas das interlocutoras e suas vivências nos espaços de disseminação da cultura do passinho, associando à reflexões teórico-metodológicas.

Os referenciais teóricos para a discussão de gênero são Henriqueta Moore (1997) que discute a relação entre biologia e cultura, e como as sociedades podem construir discursos diversos sobre sexo e gênero, fugindo do sexo como algo que é dado como natural, a autora também reforça que a dualidade entre sexo e gênero sobre a qual se apoia as Ciências Sociais é importante para as análises, mas pode ser cuidadosamente

confrontada para que não continuemos a reproduzir um discurso de determinismo biológico. Utilizo Piscitelli (2002) que traz uma relação entre categorias de análise utilizadas nos estudos feministas e as formas pelas quais esses estudos explicavam as várias formas de opressão sofrida pelas mulheres, passando pelas categorias mulher, poder e patriarcado para construir uma discussão que não se limitasse à dualidade natureza/cultura.

Outra autora relevante é Butler (2013) quando traz problematizações sobre as binaridades feminino/masculino, homem/mulher e como essas categorizações estão imbricadas às linguagens que refletem relações de poder. Butler se preocupa com os problemas epistemológicos como as demais autoras, mas também toca no ponto das mulheres como sujeitos do feminismo, mulheres enquanto sujeitos que se representam e se constituem politicamente.

### **O Brega Funk e as batalhas de passinho**

O Brega-Funk é um misto do Brega ou o Tecnobrega de Recife, que sempre teve muita força no estado de Pernambuco, com Funk. Antes de falar das batalhas de passinho, é preciso retornar algumas décadas atrás e entender como surgiu o ritmo que nasceu nas periferias de Recife e tem ganho cada vez mais visibilidade por meio da internet.

O Brega Funk pode ser considerado um subgênero da música Brega, ele foi criado a partir de uma confluência de elementos das várias vertentes do Brega, como o Tecnobrega, Brega Pop e o Brega tradicional Fontanella (2005).

Nos anos 80 já haviam bailes Funks em Recife. No começo da década de 1990 os bailes ganham força e os MCs locais passam a fazer sucesso, o funk consolida-se nas periferias através dos bailes. Porém, ao passo que os bailes cresciam, crescia também a violência dentro e fora dos mesmos, o que os colocou em evidência diante da mídia Gomes (2013, p.95). A mídia, então, cria um estereótipo dos funkeiros, classificando-os e generalizando-os como “vagabundos, marginais”, não só os jovens que frequentavam os bailes, mas também os artistas e suas produções.

Em decorrência disso, muitos bailes foram interditados, havia ainda uma rivalidade entre grupos de bairros distintos. Mas, bailes de outros gêneros musicais continuaram acontecendo. A interdição se restringia aos bailes funk. Para tentar passar por esta situação de interdição das festas, algumas casas de show que realizavam tanto bailes funk, como festas de brega, pensaram em dar uma nova roupagem às suas músicas,

além disso, já havia uma demanda por outros estilo para além do Funk nas festas e um público destinado a isso.

Outro motivo para que ocorresse a fusão entre o Brega e o Funk, apontado por Lopes *et al* (2018) é de que houve uma busca por participação na mídia por parte dos artistas que trabalhavam com o Funk, sendo necessária a adaptação do Funk “proibidão”, acrescentando elementos sonoros diferentes, mais próximos do Brega, como o teclado eletrônico utilizado no Brega e no Tecnobrega, mais o *Beat*<sup>3</sup> do Funk. Os artistas, a maioria independentes, começam a promoverem seus próprios bailes e divulgar suas produções através de festas das comunidades, nas pequenas gravadoras e através da chamada propaganda do boca a boca. Gomes (2013) destaca que esse processo de hibridização cultural, que foi a relação entre o funk carioca, o funk pernambucano e o brega possibilitou um novo estilo na cena cultural de Pernambuco que sempre foi um estado de amplo arsenal cultural.

No início de 2018, mais precisamente antes do carnaval, uma década após o Brega Funk já ser consolidado em Recife, a jovem Paloma Roberta Silva Santos, natural de Jaboatão dos Guararapes- PE, mais conhecida como MC Loma, junto com suas primas Marielly Santos e Mirella Santos, conhecidas como “Gêmeas Lacração”, suas dançarinas, consagram o Brega Funk midiaticamente e o tornam conhecido a nível nacional.

O hit “Envolvimento<sup>4</sup>” de MC Loma, foi o responsável pelo rompimento do limite geográfico Norte-Nordeste, onde o Brega é mais consumido, levando o Brega Funk para mídias nacionais, Lopes, Santos, Soares (2018). O resultado foi que “Envolvimento” foi um dos grandes hits do carnaval 2018, MC Loma regravou o clipe com uma produção profissional da gravadora Kondzilla, e o Brega Funk passou a ser consumido por pessoas de outros estados. Além de MC Loma e as Gêmeas Lacração, outros MCs de Recife também se tornaram grandes referências deste movimento e lançaram os primeiros hits de sucesso nessa fase de “boom” do Brega Funk: Shevchenko e Elloco com “Ninguém fica parado” também conhecida como “Chapuletei” e “Gera bactéria”; Dadá Boladão com o sucesso “Surtada”; MC Troinha com “Encaixa”. Mas não existem apenas homens no Brega Funk, as mulheres também estão buscando espaço e produzindo suas músicas, MC Rayssa Dias, MC Lia e MC Gabi são exemplos da presença feminina nessa cena.

---

<sup>3</sup> Esta expressão traduzida para o português quer dizer “batida”, é um termo comum ao vocabulário dos MCS.

<sup>4</sup> MC Loma e as Gêmeas Lacração – Envolvimento (Acesso em: 20/07/2020). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pOpyq-T4fnQ>>

Junto com o gênero musical, surge a dança que o acompanha, o “passinho dos malocas”, que é a expressão corporal do ritmo e faz tanto sucesso quanto a música em si e assim surgem os grupos de passinho, em Recife dois grupos muito conhecidos são A Tropa e Os Magnatas do Passinho, estes grupos e outros que dançam o passinho acabam promovendo as músicas e gerando ainda mais visibilidade para o Brega-Funk. Percebe-se que a música e a dança caminham juntas na conquista do espaço e da representatividade deste ritmo.

O Brega Funk tem um grande público em João Pessoa, a partir desse público surgiram as batalhas de passinho nas ruas. As batalhas de passinho surgem então como espaços de convivência entre pessoas que dançam, jovens do sexo masculino e feminino se reúnem em praças da cidade para fazer duelos de dança. Nas batalhas, cada jovem escolhe uma música de sua preferência e executa a coreografia que criou, enquanto isso há um público ao redor que forma um círculo para assistir a disputa, esse público torce, aplaude e faz a batalha ser um momento bastante interativo. A batalha consiste em duas pessoas ou duas duplas disputando quem faz a melhor coreografia. Ao longo da noite, tanto crianças como jovens do sexo masculino e feminino se apresentam.

Antes da pandemia, as batalhas aconteciam semanalmente em diversos bairros da capital, a primeira delas foi a Batalha de Mangabeira 7, logo depois criaram as batalhas nos bairros de José Américo, São José, Bessa, Valentina, Busto de Tamandaré e Funcionários 1. As batalhas que observei e frequentei antes da pandemia são as batalhas dos bairros de Mangabeira 7 e do Busto de Tamandaré, nelas há uma grande participação feminina. A partir disso, verifico qual o impacto dessa presença no movimento Brega Funk em João Pessoa e como as jovens se sentem ocupando esse espaço.

### **As meninas que geram nas batalhas de passinho**

Antes de iniciar a discussão e interpretação dos dados gostaria de comentar o título, cuja expressão presente “geram” foi escolhida por fazer parte do vocabulário das/dos jovens que se identificam com a cultura do passinho. Gerar é uma expressão utilizada quando alguém se destaca, tem boa desenvoltura em alguma atividade. Como o objetivo deste artigo é ressaltar a presença feminina nas batalhas, o termo se faz mais que propício.

Quando iniciei minha pesquisa, as questões de gênero foram se abrindo sob diferentes perspectivas, uma delas foi sobre meu próprio papel enquanto mulher no

campo, sobre ser pesquisadora e como lidar com meu corpo foi uma das primeiras questões que me fizeram pensar na presença da mulher na cena do Brega Funk. Logo nas primeiras páginas do meu diário de campo eu me preocupo em registrar a forma que me vesti e que decidi ir acompanhada, afinal, eu era uma mulher em um ambiente com muitos homens que eu não conhecia. Esta primeira preocupação foi iluminada pela discussão de Silvana Nascimento (2019) que aponta a necessidade de problematizar o corpo da antropóloga em campo, uma vez que o corpo é parte do fazer etnográfico.

Além dessa preocupação com a minha presença em campo, alguns questionamentos foram sendo feitos por algumas pessoas que, apesar de reconhecerem a pertinência e a relevância do tema, sempre apontavam as músicas do Brega Funk como machistas, por se referirem ao corpo das mulheres de forma erotizada. Erotização essa, que, vale salientar, se faz presente em outros ritmos/gêneros musicais, desde o axé, o samba, o forró eletrônico e as marchinhas de carnaval.

Por julgarem as coreografias como vulgares, pela estética do estilo de se vestir das jovens que dançam, que é sempre evidenciando o corpo, e devido aos ambientes onde se dança passinho serem ambientes com uma forte presença masculina, todos esses fatores tão comentados serviam para questionarem a minha posição quanto a isso, uma vez que eu, enquanto mulher, consciente que vivo em uma sociedade machista, não poderia deixar uma lacuna sobre esse debate em minha dissertação.

Dessa forma, percebi que não poderia deixar de dar espaço para que minhas interlocutoras, que são as pessoas que vivenciam os ambientes onde se dança passinho e que ouvem diversos cantores de Brega Funk respondessem a esses questionamentos.

As letras das músicas falam do corpo das mulheres ressaltando a sensualidade e trazem expressões de conotação sexual, algumas palavras como “sentar, quicar, rebolar” não são simplesmente movimentos no sentido literal, são utilizados nas músicas em referência ao ato sexual. A seguir trago dois exemplos de letras de músicas que fazem muito sucesso nas batalhas.

Ela tá ficando louca  
Tá tirando a roupa  
Rebolando pro pai  
Sentando com força

Eae mulher  
Eu sei que tu gosta  
Então ficar de quatro  
E lança a tua proposta

Vou ficando de quatro  
Tu vem por trás e me bota  
Vou ficando de quatro  
Tu vem por trás e me bota  
Bota, bota, bota, bota

A música Bota Bota<sup>5</sup> de Shevchenko e Elloco com outros dois MCs tem a participação de uma mulher, a terceira estrofe é cantada pela MC Morena. O enredo da música é um casal em clima de paquera, nas duas primeiras estrofes o homem se refere à mulher que está rebolando para ele, na terceira estrofe, a mulher entra na música de forma ativa falando de uma posição sexual e dita o que quer que seja feito com seu parceiro. O clipe da música acontece em uma casa de praia de luxo, nele aparecem Shevchenko e Elloco chegando em um carro de teto solar levantando, vestidos com as camisas da Tropa Filmes que é a gravadora própria deles, depois aparecem MC Losk e MC 10G também com as mesmas camisas.

A MC Morena usa uma calça e um top brancos, calçando tênis, apresentando um estilo que mescla os figurinos de cantoras de pop e funk. Enquanto isso, muitas mulheres dançam dentro da piscina vestindo shorts e tops, a maior parte do clipe se passa dentro dessa casa, onde acontece uma festa na piscina. A outra cena do clipe é um grupo de rapazes dançando em uma rua de Recife, eles fazem o passo do refrão que fez com que muitos rapazes passassem a fazer passos que antes eram tidos como exclusivamente femininos. A próxima estrofe que utilizo para exemplificar a linguagem do Brega Funk é da música Foda demais<sup>6</sup> da MC Rayssa Dias, que é de Salgadinho- Olinda-PE.

Vem sarrando em mim que eu tô afim  
Hoje eu tô tocando fogo no parquinho  
Essa noite eu sento, sento  
Quico, quico pra carai  
E nem precisa dizer  
que eu sou foda demais

Mais uma vez a letra apresenta as expressões que se referem a relações sexuais e, neste caso, a música é composta e cantada por uma mulher. Mesmo quando as músicas são de mulheres, onde elas mesmas expressam seus desejos sexuais e mostram autonomia

---

<sup>5</sup> Bota bota- Shevchenko E Elloco- Feat MC Morena, MC Losk e MC 10G Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HoyxVTNph-0&pp=QAA%3D>> (Acesso em: 21/09/2020)

<sup>6</sup> Foda demais- Rayssa Dias Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x3AZ5Bc1wjE>> (Acesso em: 21/09/2020)



quanto à sua sexualidade, ainda assim há um apontamento destas músicas como sendo hostis e machistas pelo senso comum, por pessoas da área acadêmica e/ou por mulheres ligadas à movimentos feministas.

Outro aspecto importante para compreender o porquê das críticas às narrativas do Brega Funk é o vocabulário utilizado, são comuns palavras como “pepeka, xereca, grelinho” fazendo referência à genitália feminina, vocabulário considerado de baixo calão e objetificador do corpo da mulher. Além de uma construção moral que diz que a mulher deve ser recatada quanto à sexualidade, mantendo essa esfera de sua vida no âmbito privado.

Após colocar aqui os fatores que fazem com que o Brega Funk seja apontado como algo inculto ou desprovido de valores morais pela parte mais conservadora da sociedade, partiremos então para a parte central deste artigo, que é a perspectiva das jovens que dançam e vivenciam a cultura do passinho.

As críticas em torno do Brega Funk e da identificação feminina com o ritmo são baseadas em alguns eixos, a própria música em si, composta por narrativas que já foram comentadas, a performance que evidencia a sensualidade e a sexualidade da mulher, e os espaços onde se promovem o consumo da música que são criticados por haver a presença massiva de homens, os espaços onde acontecem as batalhas ganham destaque negativamente, sendo referidos como locais de “vadiagem”. Devido a esses estigmas, também dos locais onde se consome o Brega Funk, as mulheres acabam sendo atingidas por mais um julgamento de valor: o de serem “desocupadas”.

Então iniciei a conversa com as interlocutoras questionando como começaram a dançar e como se aproximaram das batalhas. As jovens percorreram caminhos diferentes até chegarem ao passinho, uma delas havia feito aulas de dança, sua inserção na arte se deu por meio do Ballet contemporâneo, as demais não fizeram nenhum tipo de aula. O que todas possuem em comum é que só dançavam no âmbito familiar, em casa, em comemorações de família, mas nunca em eventos em espaço público.

Quando toco no assunto da batalha, sobre como as jovens se sentem, já que o espaço é muito frequentado por jovens do sexo masculino e o ambiente é apontado como um local onde as mulheres supostamente estão atendendo a padrões machistas, por estarem dançando de forma sensual e utilizando roupas que mostram o corpo, as interlocutoras colocam justamente o contrário, definem a batalha como um ambiente de lazer, onde todos vão para se divertir, se distrair e conhecer pessoas novas. Um lugar frequentado por ambos os sexos e que todos, tanto homens como mulheres vão com a

finalidade de dançar. Trago dois depoimentos que deixam em evidência a forma com que as moças se sentem na batalha. Ao perguntar a Raquel como ela se sentia nas batalhas e se já havia vivido ou presenciado alguma atitude de assédio ela responde:

Pior que não, como eu te falei, eu nunca passei por nada disso, eu sempre achei muito de boa e sempre a gente curtia todo mundo junto. Era um negócio pra curtir, pra ver outras pessoas batalhando e eu nunca me senti assediada por ninguém ou até mesmo intimidada por algum homem dar em cima de mim. (Entrevista concedida por RAQUEL THAYNÁ, setembro/2020).

A interlocutora traz em sua fala um aspecto que foi ressaltado por outras jovens com quem conversei, o fato do espaço ser um local de “curtir”, aproveitar a noite com amigos ou paqueras, entre pessoas de ambos os sexos, e afirma que nunca se sentiram intimidadas por nenhum jovem do sexo masculino. Outra interlocutora, a Bia, evoca um discurso que traz um fator importante quanto à experiência de dançar em um espaço público:

Eu nunca me incomodei porque tipo, ali já era um lugar que todos dançam passinho, que todos dançam aquele mesmo ritmo, ou seja, já estão acostumados, eu só me incomodo mais quando é pessoas mais velhas, sabe, quando são homens mais velhos. Mesmo se eu tiver gravando em um lugar público que tenha muito homem eu não danço, eu não gosto. (Entrevista concedida por BIA, setembro/2020).

Nesta fala, Bia levanta o fator geracional como algo que causa incômodo, a presença de rapazes não a incomoda, pelo fato de serem jovens que também dançam e estão familiarizados com a dança. Já a presença de homens mais velhos incomoda, mesmo que não seja em grande fluxo, como é o caso das batalhas. No meio de jovens ela não se sente intimidada, nem observada de forma machista, os olhares são naturalizados por quem também dança, o olhar masculino que incomoda é de homens mais velhos que não participam das batalhas.

O discurso que Bia evoca me remete à relação de corpo e afeto nas culturas juvenis abordados por Bittencourt (2012), o autor recorre à concepção de corpo desenvolvida por Espinosa, onde o corpo é uma multidão de outros corpos, uma variedade de corpos que se encontram e se afetam, (p.27). Os corpos utilizados para experiências e práticas como a do passinho, acabam por se identificarem com quem participa das mesmas práticas.

Existe uma afinidade entre os sujeitos que realizam as práticas corporais e discursivas na batalha, pois os corpos são aquilo que seus afetos indicam, nesse caso, a dança e a música.

A batalha é um encontro de corpos e de ideias, para quem está ali, a música não incomoda, as expressividades com o corpo são naturais e o encontro é motivado pela diversão. Ao contrário do que podem pensar homens mais velhos e que não se identificam com essa cena do Brega Funk, esses fatores nos permitem compreender o discurso da interlocutora de incômodo do olhar apenas de homens mais velhos.

As jovens que participam da batalha criam suas próprias coreografias para apresentarem no duelo, tentando compreender qual a visão das interlocutoras sobre as tão criticadas letras do Brega Funk, eu pergunto quais são as músicas que mais lhes agradam para dançar e que cantores elas mais gostam de ouvir. Sobre isto, as respostas são unânimes, as músicas não são escolhidas pelas letras, a preferência por uma música se dá por outro aspecto da sonoridade, a batida acelerada da música que possibilita fazer boas coreografias. “Seleciono mais pelos toques e não pelas letras”, afirma Nathiely, uma jovem que frequenta as batalhas do Busto e do Bessa. Outras jovens corroboram com essa mesma fala:

Pra ser sincera, o que mais me chama atenção nas músicas é simplesmente os toques, é o que mais me chama atenção, porque eu não sou muito pra fazer coreografia, porque eu não tenho muitas ideias, eu sempre preciso de alguém me ajudando. Mas quando é toque e tal, quando é a parte mais da bunda eu consigo muito, me garanto muito sozinha, então o que mais me chama atenção é os toques da música. (Entrevista concedida por BIA, setembro/2020).

Eu não tenho nenhum cantor favorito sabe, se eu escutar uma música e eu gostar da batida, gostar do ritmo e for um ritmo rápido, assim sabe. Tem gente que fala, ah eu não presto atenção na letra, lógico que a pessoa presta atenção sabe. Tem umas que no começo eu ficava meio tímida de escutar música com putaria e tal. Mas hoje já é normal sabe, eu entendo assim. Tem putaria no Brega Funk, tem, mas também tem putaria em outras músicas, que é escondida, ou só porque é um ritmo lento, o povo escuta e não acha nada demais, só que tem putaria sim, então o Brega Funk é igual a todas as outras músicas. (Entrevista concedida por RAQUEL THAYNÁ, setembro/2020).

Nas duas falas acima é nítido que o primeiro atrativo nas músicas é o toque, a batida, que é o que as estimula a elaborar as coreografias. A letra parece como algo secundário, não é pela letra que uma música se torna ou não interessante e boa para dançar. Apesar de estabelecerem a batida da música como o componente mais atrativo, as interlocutoras não deixaram de tocar no tema das letras. Bia diz que entende que as letras são pesadas, mas isso não é algo que a faz se sentir desrespeitada dançando na batalha. Raquel também endossa que o toque da música é o que a faz selecionar uma música para dançar. Ela ainda levanta a questão das letras, afirmando que entende que as letras são de cunho sexual, no entanto traz uma visão importante a ser ressaltada, a da não exclusividade das letras que falam do corpo da mulher ser do Brega Funk, ela coloca que existem outros ritmos musicais com narrativas eróticas, mas que as pessoas aceitam, ficando o estereótipo e a crítica maior para o Brega Funk.

A pesquisa de Caetano (2015) sobre a representação feminina no funk carioca, que analisa a relação entre funk, gênero e feminismo a partir da trajetória da cantora Valesca Popozuda, nos ajuda a pensar o contexto do Brega Funk, que é um gênero musical igualmente acusado de machismo e misoginia. A autora afirma que a liberdade sexual da mulher cantada no funk e essa nova forma de erotismo são apontadas como forma de transgredir imposições feitas à sexualidade da mulher – que não pode ser limitada à reprodução. Porém, há o risco da reafirmação de estereótipos, uma vez que a mídia e a sociedade possuem uma interpretação equivocada dessa subversão e não se mostram abertos a esse debate com as mulheres do funk.

A partir da análise do papel das mulheres no funk a autora levanta o seguinte questionamento, porque os movimentos feministas argumentam que as mulheres que dançam músicas que sexualizam o corpo o fazem de acordo com padrões machistas? Para Caetano (2015) esse pensamento pode cooperar com a afirmativa de que as ações das mulheres são sempre norteadas pelo objetivo da satisfação masculina. Concordando com o questionamento da autora e me remetendo às falas de minhas interlocutoras de que a dança é uma forma de lazer, também trago uma indagação: Não seria a dança sensual, um tipo de diversão, sem a finalidade de agradar padrões masculinos?

[...] enquadrar cada instância da sexualidade feminina a partir da perspectiva do olhar masculino é não só extremamente heteronormativo, mas priva as mulheres da autonomia sexual delas e ignora abordagens interseccionais do feminismo. Completamente nega a possibilidade de uma mulher ser sexual

para o próprio divertimento ou prazer. [...] Se todas as suas decisões são respostas diretas ao patriarcado, você ainda está reagindo às exigências desse sistema, em vez de ser pró-ativa com seus próprios desejos. (YOUNG, Apud, CAETANO, p. 128)

Ainda que de forma não proposital, as jovens que participam das batalhas vão contra uma ideia de feminilidade onde a mulher é apenas um sujeito passivo quando se trata de suas escolhas sexuais e com relação ao uso do seu corpo.

As meninas com quem conversei tem entre 15 e 20 anos de idade, e ainda residem com os pais. Desta forma, busquei saber de que forma seus pais enxergam o passinho e o Brega Funk.

Então, no começo ela (a mãe) não gostava muito, sabe, quer dizer, não gostava de jeito nenhum. Porque ela sempre foi evangélica, então eu não costumava botar porque assim, as músicas eram muito pesadas, eu ficava meio assim tímida e também eu não gostava de incomodar muito ela assim. Então eu preferia não colocar e evitar, mas quando eu colocava, ela sempre falava, que música feia, eu ficava rindo e tal. Mas ela nunca me proibiu de escutar. (Entrevista concedida por RAQUEL THAYNÁ, setembro/2020).

Demais, a minha família não fala nada, tipo, não reclama comigo, mas eu tenho uma madrinha que é minha tia, que ela falou demais de mim, disse que não era coisa de moça, falou muitas coisas. Falando que eu dava de dez a zero em mulher de cabaré, mas eu falei que isso era um hobby, era uma dança. Aí ela disse, ah mas isso não é tipo de dança pra uma moça estudiosa. E uma coisa não tem nada a ver com a outra, porque eu vou hoje gravar vídeo, mas hoje de manhã eu estava assistindo aula e fazendo as atividades. (Entrevista concedida por BIA, setembro/2020).

Os dois depoimentos acima mostram como as gerações anteriores, no caso os pais e a família das jovens têm um julgamento de valor negativo sobre as músicas. A primeira interlocutora, Raquel diz que sua mãe não gosta das músicas por ser evangélica, há também uma questão religiosa. Raquel comenta que a mãe não gosta pelo fato de as letras serem “pesadas”, embora as letras das músicas não a incomodem nem a impeçam de dançar, ela entende que o conteúdo das músicas é bastante erótico.

Já na fala de Bia, aparece um outro fator, é nítido que pessoas mais velhas usam o argumento de que a música é vulgar, é um discurso comum entre os mais velhos e

peessoas que não se identificam com o Brega Funk. Neste caso, a tia/madrinha de Bia faz uma oposição entre música e dança de mulher de cabaré e música e dança para uma moça estudiosa. A associação do Brega Funk à prostituição e a binaridade que as pessoas colocam onde quem dança não é responsável ou estudioso e etc. Então Bia termina sua fala combatendo essa oposição entre se divertir dançando e ser uma moça estudiosa.

Soares (2017) em seu livro “*Ninguém é perfeito e a vida é assim: A música brega em Pernambuco*”, fala sobre a construção da ideia de música pernambucana de qualidade, ele utiliza a discussão de Felipe Trotta (2007) que debate essas noções de qualidade musical na música popular, Trotta reconhece que há um forte apelo de classe nessas avaliações e distinções do que é música de qualidade e música “ruim”. O bom gosto é ligado sempre a expressões de consumo das elites, essa noção foi construída a partir de referências da música erudita. Essas noções acabam por influenciar até mesmo pessoas que não são da elite, mas que assumem essa mesma postura de crítica e rechaço à música que vem da periferia.

Ao longo das conversas foi notório o quanto as interlocutoras reforçavam a noção da batalha como um local onde as diferenças de gênero não se acentuavam muito, onde tanto as críticas quanto as possibilidades eram iguais para ambos, pois o problema era a música em si que sofre bastante preconceito. As jovens são conscientes de que o Brega Funk é um estilo musical bastante acusado, mas isso não as impede de continuar vivenciando esses espaços de lazer através da dança.

As jovens com quem conversei produzem vídeos para publicar no Instagram, ressignificando as críticas que são feitas ao gênero musical. As batalhas proporcionam reconhecimento e as ajudam a conseguir seguidores nas redes sociais. Ao perguntar à Nathiely qual sua motivação em ir para a batalha ela responde: “O povo fica muito reconhecido em batalha, por isso que eu vou”.

Acontece um movimento de reconhecimento das pessoas que estão na batalha que direciona quem está assistindo o duelo a seguir as jovens no Instagram e acompanhar suas publicações. Nathiely aproveita a batalha como um espaço em que pode estar sendo vista afim de obter repercussão nas redes sociais. Neste sentido, acontece um borramento de fronteiras entre o lazer que se constitui online e offline, os momentos estão cada vez mais próximos. Canclini (2008), afirma que a interação através de interfaces como o celular, onde se acessam as redes sociais, é um novo recurso para novas experiências corporais e de comunicação e mesmo sentados, de casa, ou de onde quer que seja, o corpo atravessa fronteiras.

Algumas jovens se tornam conhecidas na batalha e depois nas redes sociais, e outras, inversamente, possuem já um número alto de seguidores e são identificadas na batalha por quem vai assistir. As redes sociais fazem parte do momento presencial, as interações continuam mesmo após o momento em que todos estão reunidos, através de comentários, curtidas e compartilhamentos, as/os jovens dão continuidade ao momento de lazer que é a batalha de passinho. Ter uma rede social ativa (com conteúdo de dança e até mesmo do cotidiano), possibilita que as jovens sejam reconhecidas pelos seus seguidores nas ruas, faz com que seus vídeos tenham muitos acessos, e segundo elas, as mensagens dos seguidores as estimulam a estar gravando mais vídeos. As redes sociais são mais um espaço de sociabilidade em que as culturas juvenis se afirmam, as jovens tem utilizado a visibilidade na batalha que desencadeia nas redes sociais e vice versa para nutrirem outra forma de lazer e explorarem seus potenciais criativos através da dança.

### **Considerações não-finais**

Os dados aqui apresentados ainda estão em interpretação, são parte da minha dissertação e ainda estão sendo produzidos à medida que tenho oportunidade de dialogar com as jovens. Portanto, não trago considerações finais, mas parciais, de acordo com os diálogos que consegui estabelecer em meio à um período onde minhas interlocutoras se mostraram bastante envolvidas com suas atividades nas redes sociais e outras atividades presenciais que se cruzam em seus percursos com o Brega Funk e o passinho.

Coloco mais questões para serem problematizadas do que respostas sobre a presença feminina nas batalhas de passinho. No entanto, posso concluir parcialmente que, as jovens demonstram se sentirem livres e satisfeitas em participarem das batalhas, o ambiente não lhes parece hostil e elas não mencionaram nenhuma experiência de assédio ou desrespeito, mesmo com uma participação masculina intensa e constante.

Com relação às músicas, foi possível observar que a ideia de dominação do homem sobre a mulher nem sempre é presente, pois as narrativas interpretadas pelas mulheres são igualmente imperativas, as mulheres possuem agência, elas não são passivas no Brega Funk. Além disso, a letra não é o fator primordial para as jovens que dançam, o toque é mais relevante do que aquilo que é cantado. A música atravessa esse fator do preconceito e elas são conscientes disso, entendem a erotização nas letras, mas isso não é algo que lhes faça sentir objetificada pois, segundo as mesmas, quando se está em um ambiente onde os jovens do sexo masculino também ouvem e dançam, não há incomodo.

Essa agência que as mulheres apresentam com relação ao Brega Funk, talvez não seja enquadrada como uma forma de resistência ao machismo, mas através delas podemos abrir brechas para sair da superficialidade dos ataques à cultura periférica e abrir diálogos incluindo quem produz a música e quem a consome.

Portanto, devemos problematizar o que há de divergências e convergências sobre a ideia de liberdade feminina que aparece na cena do Brega Funk, levando em conta as vivências das jovens e suas percepções, ainda que sejam diferentes do que pensam os movimentos feministas, a mídia e a sociedade em geral. Reforço também, a importância de se tratar as culturas juvenis sob a perspectiva feminina, pois os trabalhos ainda são muito voltados para as experiências masculinas. Assim, será possível avançar num debate sobre a igualdade de gênero dentro das culturas juvenis, desconstruindo ideais de liberdade feminina que são baseados em uma elite branca, heterossexual e conservadora, transformando a discussão de gênero e juventude em um espaço democrático incluindo meninas e mulheres plurais, de diversas cenas musicais, cor de pele, lugares e profissões.

### **Referências Bibliográficas**

MOORE, Henriqueta. **Compreendendo Sexo e gênero**. Tradução: Júlio Assis Simões, 1997. Do original em inglês: “Understanding sex and gender”, in Tim Ingold (ed.), Companion Encyclopedia of Anthropology. Londres, Routledge, p. 813-830.

Piscitelli, Adriana. “**Recriando a (categoria) mulher?**”. In: ALGRANTI, L. (org.). A prática feminista e o conceito de gênero. Textos Didáticos, no 48. Campinas, IFCH- Unicamp, 2002, p. 7-42.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade** “Prefácio” e “Capítulo 1 – Sujeitos do sexo / gênero / desejo” Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003 – 1ª Edição. Tradução de Renato Aguiar

RIFIOTIS, Theophilos. **Desafios contemporâneos para a antropologia no ciberespaço: o lugar da técnica**. Revista Civitas, Porto Alegre. V. 12, Nº 3, P. 566-578, setembro/dezembro, 2012.

MARCUS, George E. **O que vem (logo) depois do “Pós”: o Caso da Etnografia**. Source: Revista de Antropologia, Vol. 37 (1994), pp. 7-34

GOMES, Jaciara Josefa. **Tudo junto e misturado: violência, sexualidade e muito mais nos significados do funk pernambucano/É nós do Recife para o mundo**. Tese. (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras. Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, 217 p, 2013. Disponível em:



<[http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/11347/Tese Jacira JG.pdf](http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/11347/Tese%20Jacira%20JG.pdf)>  
Acesso em: 15 outubro. 2019.

Fontanella, Fernando Israel. **A estética do Brega: cultura de consumo e o corpo nas periferias do Recife**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 112p. Recife, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3455>> Acesso em: 07 de julho de 2020.

SANTOS, Elves Henrique dos; LOPES, Rodrigo Phelipe Rodrigues, SOARES, Thiago. **Esse seu “cebruthius” é o mesmo de sempre?: Performance pop e tecnologia em dois hits do brega pernambucano**. XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Juazeiro – BA – 5 a 7/7/2018 Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0689-1.pdf>> Acesso em: 15 de novembro de 2019.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Leitores, espectadores e internautas**. Tradução: Ana Golberger. - São Paulo: Iluminuras, 2008.

SOARES, Thiago. **Ninguém é perfeito e a vida é assim: a música Brega em Pernambuco**. Recife: Carlos Gomes de Oliveira Filho, 2017.

CAETANO, Mariana Gomes. **My pussy é o poder: Representação feminina através do funk: identidade, feminismo e indústria cultural**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades.) Universidade Federal Fluminense, 2015, p. 182.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. **O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima**. Revista de Antropologia. (São Paulo, Online). Volume 62, Nº 2: 459-484, USP, 2019.

BITTENCOURT, João Batista Menezes. **Corpo e afeto nas culturas juvenis**. Revista Latitude, Volume 6, Nº 1, pp. 25-36, 2012.